



A Spontaneous Order: The Capitalist Case For A Stateless Society

Chase Rachels

CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015.

(292 páginas)

ISBN: 978-15-12117-27-1

Trata-se de uma obra que desafia o senso comum e se contrapõe ao fato de que, por vivermos tanto tempo em sistemas políticos intervencionistas, deixamos de questionar a legitimidade e o papel do Estado em nossas vidas. Pelo contrário, vemos cada vez mais propostas de aumentar a ação estatal em nossa sociedade, seja por regulamentação ou até mesmo controle dos meios de produção.

No entanto, em paralelo vemos uma corrente crescente e cada vez mais atuante na propagação de ideais libertários, tanto no mundo acadêmico como em nosso dia-a-dia, ora de forma dogmática, ora espontânea, criando esperança e estimulando jovens e adultos a aderirem aos seus princípios e ideias. O livro de Rachels é um passo importante nesse recente movimento.

A obra de Rachels, dividida em quinze capítulos, aborda os principais conceitos da economia austríaca e do livre mercado, fundamentados especialmente nos ideais de Hans-Hermann Hoppe, Ludwig von Mises (1881-1973) e Murray N. Rothbard (1926-1995).

De forma concisa e objetiva, o autor inicia os leitores ao livre mercado. Mesmo aqueles sem qualquer conhecimento liberal não se perderiam em suas exposições e, ao longo de sua obra, exemplifica como poderíamos viver em uma sociedade sem Estado e quais seriam seus benefícios, derrubando grandes estigmas de serviços e setores que, em princípio, só caberiam ao Estado.

De acordo com o autor, uma sociedade sem Estado e regida pelas forças do livre mercado, com sua consequente ética libertária, a

qual se norteia pela propriedade privada, pelo princípio da não agressão e, por último, pela concorrência, cria uma ordem espontânea em que o fim é uma civilização próspera, criativa, pacífica e cooperativa.

O conceito de propriedade privada, que pode ser considerado umas das maiores invenções da humanidade, é abordado, a princípio do mesmo modo que Bastiat, como algo essencial para que o ser humano possa ser, de fato, livre. No entanto, diferentemente do clássico autor francês, para Rachels a propriedade privada ilegítima, de maneira formal, é o Estado, uma vez que sua apropriação territorial não se fez de maneira *originária* (*homestead*) ou por meio de *troca voluntária*. Assim, o Estado seria uma força governamental nula. *A contrario sensu*, no livre mercado, a propriedade privada somente se dá nas duas hipóteses elencadas acima e, uma vez que, em ambas hipóteses a aquisição da propriedade não é imposta, nem arbitrária, isso a torna, consequentemente, legítima.

Da norma da propriedade privada acima exposta, extrai-se a ética libertária e seus princípios relacionados, como o princípio da não-agressão. Nesse sentido, utilizando uma análise epistemológica, Rachels solidifica os demais conceitos introdutórios da ética libertária, para então iniciar a exposição de sua tese prática acerca de como funcionaria uma sociedade sem Estado.

O autor explica quais forças governamentais reinariam, como seriam resolvidos os conflitos gerados e qual seria a ética jurídica vigente. Para isso, sua obra destaca os princi-

país setores que atualmente são controlados e/ou regulados pelo governo e exemplifica como seria sua contraparte no livre mercado.

O quadro sem Estado, dedutivamente pintado por Rachels, mostra-nos que as forças governamentais seriam os agentes econômicos privados que, fundados em seu próprio interesse e no lucro, espontaneamente agiriam em prol do coletivo.

Conforme supramencionado, o autor desafia o senso comum ao expor cenários hipotéticos de setores atualmente controlados pelo Estado (e. g. educação, segurança e policiamento, infraestrutura de transporte, sistema de saúde público e combate à miséria) de maneira que, raramente, mesmo por autores da Escola Austríaca, são abordados de forma tão prática.

Para rechaçar o papel do Estado nos setores elencados acima, o autor destaca a importância da concorrência no setor privado, em particular de empresas nos ramos de seguros, segurança privada, saúde, infraestrutura, o papel de caridades, elaborando modelos de como tais setores podem conduzir ao florescimento de uma sociedade.

Além disso, também ressalta a importância da internet, do convívio interpessoal e, o que é ainda mais significativo, do agorismo e da contra-economia. Nesse último ponto, o autor nos mostra como talvez possamos estar mais próximos dessa transição do que imaginávamos, uma vez que, mesmo com toda a intervenção estatal existente, fomos capazes de criar uma moeda sem qualquer interrelação com o estado – o Bitcoin.

Como bem argumentado por Rachels ao longo do livro, a ética e os direitos libertários permitem que contemplemos que estaríamos muito melhor servidos sem o Estado e, em

uma tentativa de fundamentar esse argumento, consegue apresentar modelos formulados com base na atualidade, que indicariam os mecanismos e benefícios de uma civilização sem Estado.

No entanto, mesmo que a epistemologia permita uma análise a partir de pressupostos do livre mercado, o autor cria experimentos a respeito de como imagina que ocorreria a auto-organização da sociedade de maneira mais efetiva sem a presença do Estado, tratando o anarcocapitalismo e seus indivíduos quase como um algoritmo. Assim, justifica a ausência de Estado com argumentos utilitários, sem considerar que se trata de um sistema complexo com diversas variáveis ainda não previsíveis, não podendo descartar inclusive o fato de que tais indivíduos possam se encontrar em situação utilitária desfavorável com a ausência do Estado ante a intervenção anterior.

O autor, ao criar tais modelos, depara-se com uma argumentação contrafactual, pois utiliza somente suas preconcepções e pressuposições quando, de fato, não podemos antever as complexas interações dos milhares de peças envolvidas na civilização visionada por Rachels.

De modo simples, os princípios de propriedade privada e seu derivado da não-agressão seriam suficientes para embasar uma civilização sem Estado.

Qualquer leitor que deseje conhecer um exemplo atual de como seriam os mecanismos e as forças governamentais de uma sociedade sem Estado, bem como quem quiser entender com clareza e objetividade os principais conceitos da Economia Austríaca e do anarcocapitalismo, encontraria no livro de Rachels uma grande fonte de benefícios. ∞

Lucas de Siqueira Bentes

Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Pós-Graduando em Escola Austríaca pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (Uníitalo).

lsbentes@me.com